



**DACEC**

Departamento de Ciências Administrativas, Contábeis,  
Econômicas e da Comunicação - **UNIJUI**

# Análise semanal do mercado da soja, do milho e do trigo

Comentários referentes ao período entre 28/02/2014 a 06/03/2014

**Prof. Dr. Argemiro Luís Brum<sup>1</sup>**  
**Prof. Ms. Emerson Juliano Lucca<sup>2</sup>**  
**Guilherme Gadonski de Lima<sup>3</sup>**

---

<sup>1</sup> Professor do DACEC/UNIJUI, doutor em economia internacional pela EHESS de Paris-França, coordenador, pesquisador e analista de mercado da CEEMA.

<sup>2</sup> Professor, Economista, Mestre em Desenvolvimento, Analista e responsável técnico pelo Laboratório de Economia Aplicada e CEEMA vinculado ao DACEC/UNIJUI.

<sup>3</sup> Estudante do Curso de Economia da UNIJUI – Bolsista PET-Economia.

## Cotações na Bolsa Cereais de Chicago – CBOT

Produto Data	GRÃO DE SOJA (US\$/bushel)	FARELO DE SOJA (US\$/ton. curta)	ÓLEO DE SOJA (cents/libra peso)	TRIGO (US\$/bushel)	MILHO (US\$/bushel)
28/02/2014	14,14	467,90	41,52	5,99	4,57
03/03/2014	14,07	461,30	42,11	6,26	4,64
04/03/2014	14,18	458,80	43,46	6,31	4,76
05/03/2014	14,20	457,70	43,18	6,35	4,75
06/03/2014	14,37	458,40	44,27	6,41	4,85
<b>Média</b>	<b>14,19</b>	<b>460,82</b>	<b>42,91</b>	<b>6,26</b>	<b>4,71</b>

Bushel de soja e de trigo = 27,21 quilos

Libra peso = 0,45359 quilo

Fonte: CEEMA com base em informações da CBOT.

bushel de milho= 25,40 quilos

tonelada curta = 907,18 quilos

### Médias semanais\* (compra e venda) no mercado de lotes brasileiro - em praças selecionadas (em R\$/Saco)

SOJA		Var. % relação média anterior
RS - Passo Fundo	72,00	0,28
RS - Santa Rosa	72,00	0,84
RS - Ijuí	72,75	0,97
PR - Cascavel	67,30	0,82
MT - Rondonópolis	63,10	4,19
MS - Ponta Porá	63,60	0,16
GO - Rio Verde (CIF)	64,50	0,47
BA - Barreiras (CIF)	64,30	0,47
MILHO		
Argentina (FOB)**	213,20	2,11
Paraguai (FOB)**	146,50	1,03
Paraguai (CIF)**	185,20	2,60
RS - Erechim	27,10	2,26
SC - Chapecó	26,85	0,75
PR - Cascavel	27,30	4,00
PR - Maringá	28,05	5,45
MT - Rondonópolis	22,60	7,11
MS - Dourados	24,95	8,48
SP - Mogiana	31,75	1,44
SP - Campinas (CIF)	35,30	1,29
GO - Goiânia	29,05	9,42
MG - Uberlândia	29,55	3,87
TRIGO		
RS - Carazinho	645,00	4,03
RS - Santa Rosa	637,00	4,43
PR - Maringá	805,00	-0,37
PR - Cascavel	785,00	-0,38

\*Período entre 28/02 e 06/03/14

Fonte: CEEMA com base em dados da Safras & Mercado. Preços em reais/saco. \*\* Preço médio em US\$/tonelada. \*\*\* Em reais por tonelada

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul – 06/03/2014

Produto	milho (saco 60 Kg)	soja (saco 60 Kg)	trigo (saco 60 Kg)
R\$	23,76	65,55	31,63

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-RS.

### Preços de outros produtos no RS

### Média semanal dos preços recebidos pelos produtores do Rio Grande do Sul

Produto	
Arroz em casca (saco 50 Kg)	34,84
Feijão (saco 60 Kg)	138,90
Sorgo (saco 60 Kg)	20,23
Suíno tipo carne (Kg vivo)	3,04
Leite (litro) cota- consumo (valor bruto)	0,86
Boi gordo (Kg vivo)*	4,01

(\*) compreende preços para pagamento em 10 e 20 dias

Fonte: CEEMA, com base em informações da EMATER-R

## MERCADO DO DÓLAR EM FEVEREIRO DE 2014

O mês de janeiro fechou com o dólar cotado a US\$ 2,42 e dois cenários se desenhavam para fevereiro. O primeiro, onde as forças de mercado, impulsionadas pela redução dos estímulos do Banco Central dos Estados Unidos (FED), levariam a uma maior valorização da moeda estadunidense frente ao Real. Esta situação não se concretizou, visto que o FED não se movimentou no mês de fevereiro. O segundo cenário apostava que os leilões de swap (venda futura de dólares) do Banco Central do Brasil (BACEN) viessem a surtir efeito, segurando a desvalorização do Real. Pois esse cenário se confirmou! Na prática, o fato de não haver retirada de nova parcela de recursos do apoio governamental dos EUA, somada a ação do BACEN brasileiro, permitiu que a primeira semana de fevereiro freasse o ímpeto altista do dólar, porém, não impediu que a primeira quinzena do mês fosse extremamente volátil, com o câmbio oscilando entre R\$ 2,38 e R\$ 2,42 por dólar. Já na segunda quinzena o Real voltou a se valorizar um pouco mais, consequência das ações dos referidos bancos centrais. Logicamente esta oscilação não deriva apenas de tais movimentos, mas também do anúncio da meta fiscal do governo para o presente ano (1,9% do Produto Interno Bruto) a qual foi considerada factível. A meta fiscal para o ano de 2014, se não sofrer maquiagens tipo as usadas em 2012 e 2013, e que derrubaram a credibilidade da condução da economia brasileira nos últimos meses, poderá impedir que a nota de risco do país venha a ser rebaixada. Esse fato ajudaria muito a manter o câmbio entre R\$ 2,30 e R\$ 2,40 em 2014. Vale ainda destacar que o novo aumento do juro básico, agora para 10,75% anuais, favorece a entrada de dólares especulativos no país, o que também freia a desvalorização da moeda brasileira. Enfim, dependendo da percepção do mercado quanto às decisões oficiais, em ano eleitoral, poderemos assistir a um incremento na entrada de dólares logo adiante no Brasil, puxado também pela Copa do Mundo, fato que tenderá mesmo a valorizar um pouco mais o Real no segundo semestre. Mas isso ainda fica no terreno da tendência. Pelo sim ou pelo não, o fato é que o dólar fechou o mês de fevereiro em R\$ 2,33, acusando uma valorização do Real, em relação ao final de janeiro, de 3,72%. Os próximos meses serão importantes para a concretização ou não de uma nova estabilização cambial no Brasil, agora em patamares mais adequados à paridade de poder de compra entre as duas moedas.

## MERCADO DA SOJA

Nesta semana curta devido aos feriados de Carnaval no Brasil, o mercado internacional da soja consolidou as altas do bushel da oleaginosa em Chicago, agora com a inclusão de um novo fator conjuntural: a tensão política na Ucrânia e que envolve diretamente a Rússia. Assim, o bushel de soja voltou a ultrapassar os US\$ 14,00 e não mais recuou abaixo deste novo piso, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 14,37. Vale destacar que a libra-peso do óleo de soja disparou para 44,27 centavos de dólar neste mesmo dia. A título de comparação, a média de fevereiro ficou em US\$ 13,46/bushel para o grão e 39,58 centavos de dólar por libra-peso para o óleo, ambos para o primeiro mês cotado. Outro sinal de que o mercado se mantém nervoso e altista está no fato de que as

cotações para maio se situam nos mesmos níveis, senão um pouco melhores, do que as de março. Estas últimas deixaram de ser cotadas a partir do dia 15/03.

A quebra de safra na América do Sul continua a pressionar para cima o mercado mundial, particularmente porque se julga que os números até aqui anunciados não contemplam a realidade existente, podendo o número brasileiro, em particular, ser menor. Com isso, a demanda pela soja dos EUA, diante de estoques muito baixos, continua firme, levando os mesmos a níveis críticos. E do final de fevereiro para cá se cristalizou o acirramento político na Ucrânia, com intervenção do exército russo na região da Criméia, fato que provocou preocupações adicionais. Afinal, a Rússia é um importante exportador de petróleo e um conflito mais sério na região poderá interromper o fornecimento do chamado “ouro negro” para a Europa, elevando o preço dos combustíveis. Por tabela, o óleo de soja disparou em Chicago, puxando em parte o grão durante esta primeira semana de março.

Embora sendo ainda um cenário de curto prazo, as altas permitiram ao bushel de alcançar os níveis mais altos dos últimos cinco a seis meses em Chicago. Assim, de uma tendência esperada, em safra cheia na América do Sul, ao redor de US\$ 12,00 a US\$ 12,50/bushel para maio/14, estamos assistindo uma reviravolta no mercado com o bushel acima de US\$ 14,20 no momento. Ou seja, cerca de dois dólares acima do esperado.

Neste próximo dia 10/03 será anunciado o novo relatório de oferta e demanda do USDA o qual deverá confirmar os novos números de colheita sul-americana. Mas não se espera grandes novidades diante do que já se precificou até o momento. Na verdade, o relatório mais esperado é o de intenção de plantio nos EUA, previsto para o dia 31/03, o qual pode mudar a tendência altista atual já que se espera um importante aumento na área de soja. Tanto é verdade que, para setembro (momento de início da colheita da nova safra nos EUA), Chicago opera hoje em US\$ 12,44/bushel e para novembro em US\$ 11,78/bushel.

Assim, no curto prazo os fundamentos do mercado se confirmam altistas diante dos fatores conjunturais apontados, porém, para o médio prazo, em a safra estadunidense não sofrendo problemas climáticos, a tendência volta a ser de baixa.

Dito isso, vale destacar que as exportações de soja por parte dos EUA, na semana anterior, chegaram a 642.900 toneladas, contra um volume máximo de 800.000 toneladas esperado pelo mercado.

Além disso, na esteira dos cortes de produção devido ao clima na América do Sul, o Conselho Internacional de Grãos reduziu a safra de soja mundial para 284 milhões de toneladas, contra 288 milhões indicados anteriormente.

Enquanto na Argentina a projeção permanece em 53 milhões de toneladas, no Brasil o volume da atual safra foi revisto para 86 milhões de toneladas pela Safras & Mercado (Oil World fala em 84 milhões de toneladas no momento). Todavia, não será nenhuma surpresa se o número final brasileiro ficar ao redor de 80 milhões de toneladas, haja vista que apenas no Paraná a quebra é de dois milhões de toneladas, no Mato Grosso já se fala em 500.000 toneladas, havendo importantes perdas no Rio Grande do Sul e outros Estados produtores segundo o setor produtivo. Na verdade, se a safra brasileira

ficar mesmo ao redor de 85 a 86 milhões de toneladas, a quebra anunciada não será muito significativa. O mesmo pode se dizer da Argentina com suas 53 milhões de toneladas. No somatório geral da América do Sul a região ainda terá uma safra mais importante do que a registrada em 2012/13. E isso irá colidir, logo adiante, com uma safra de soja estadunidense projetada, no momento, em 96,6 milhões de toneladas caso a área semeada venha a crescer como se indica. Em o clima deixando, naturalmente haverá uma reversão de tendência das cotações no segundo semestre, como já aponta Chicago. Mas, até lá, muita coisa ainda deve ocorrer.

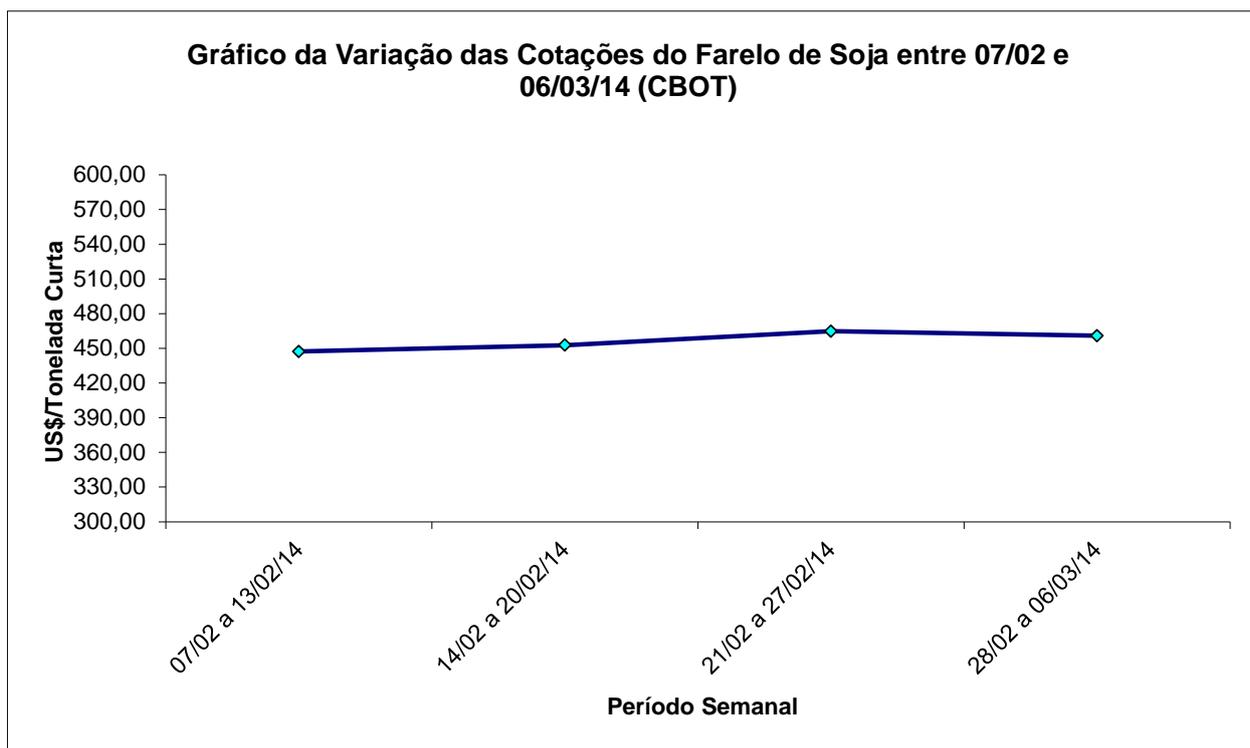
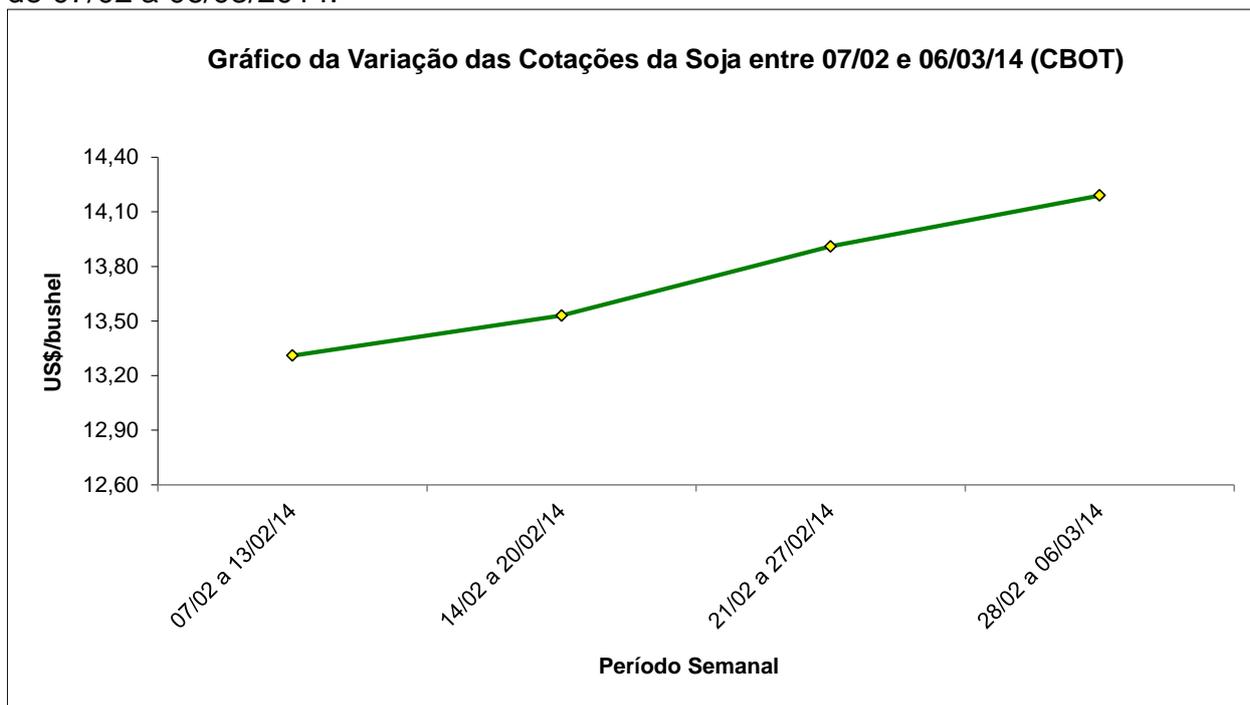
Lembramos que durante o plantio, pelo aumento de área, o Brasil projetava uma colheita ao redor de 91 milhões de toneladas, a Argentina em 57 a 60 milhões de toneladas e o conjunto da América do Sul trabalhava com um volume superior a 160 milhões de toneladas. No momento, o volume final esperado para a região oscila entre 150 a 154 milhões de toneladas. Mesmo assim, superior às 147 milhões de toneladas do ano anterior.

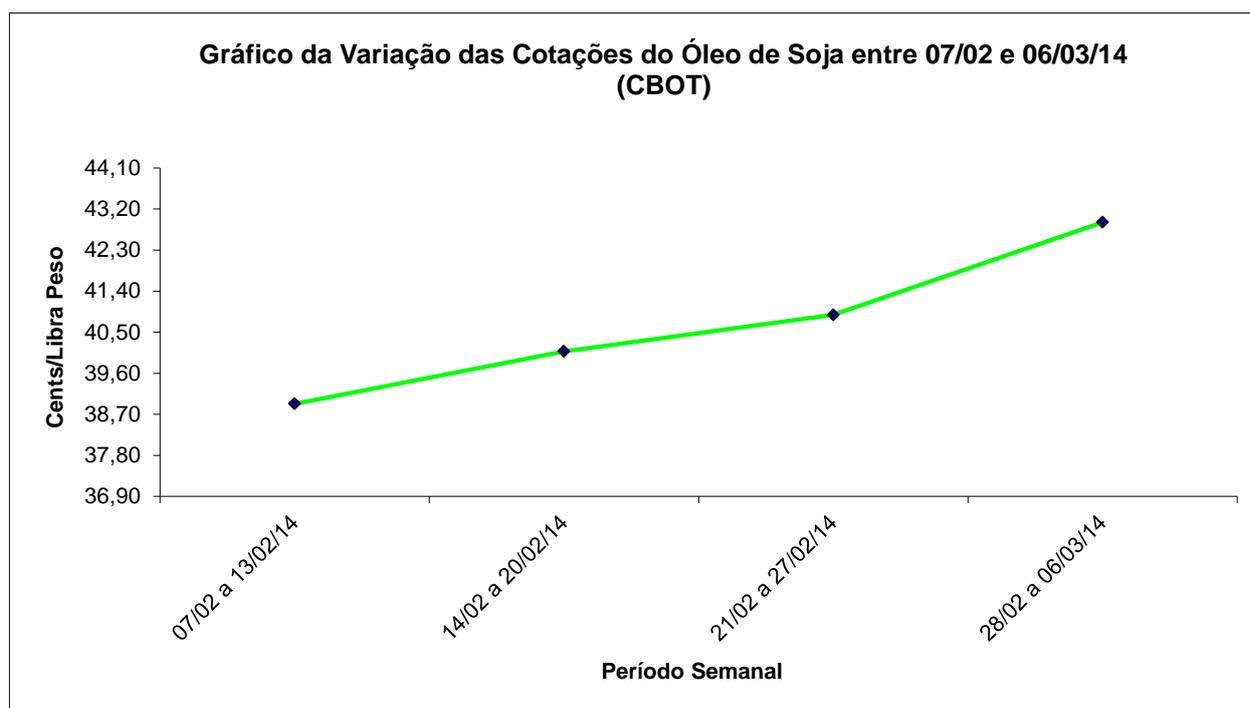
Neste cenário, mesmo com o câmbio recuando para R\$ 2,31 no dia 06/03, os preços brasileiros da soja continuaram subindo. O balcão gaúcho fechou a semana na média de R\$ 65,55/saco, enquanto os lotes fecharam a semana entre R\$ 71,00 e R\$ 72,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes giraram entre R\$ 54,50/saco em Sinop (MT) e R\$ 68,50/saco no norte do Paraná.

Caso a produção brasileira fique ao redor de 86 milhões de toneladas neste ano, Safras & Mercado aponta que as exportações nacionais de soja somariam 46 milhões de toneladas e o esmagamento em 35,5 milhões, ganhando respectivamente 7% e 4% sobre os volumes do ano anterior. Mesmo assim, os estoques finais brasileiras subiriam 14%, somando 1,59 milhão de toneladas. A produção brasileira de farelo chegaria a 28,5 milhões de toneladas, com as exportações chegando a 14 milhões. Já a produção de óleo de soja somaria 7,05 milhões de toneladas, com exportações de 1,25 milhão em 2013/14. Considera-se que 2,1 milhões de toneladas de óleo de soja se destinariam ao biodiesel, com um aumento de 5% sobre o ano anterior.

Enfim, a semana terminou com os prêmios nos portos brasileiros, para abril, valendo entre 2 e 23 centavos de dólar por bushel, sendo que para maio Paranaguá trabalha com prêmio negativo entre 7 e 15 centavos. Já no Golfo do México (EUA) o prêmio ficou entre 91 e 98 centavos e em Rosário (Argentina) entre 12 e 28 centavos de dólar por bushel, ambos para abril.

Abaixo seguem os gráficos da variação de preços da soja e seus derivados no período de 07/02 a 06/03/2014.





## MERCADO DO MILHO

As cotações do milho em Chicago também subiram nesta primeira semana de março, fechando a quinta-feira (06) em US\$ 4,85/bushel, contra a média de fevereiro que foi de US\$ 4,47.

A volatilidade também aqui é a tônica, embora em menor intensidade do que no mercado da soja. O fator Ucrânia igualmente pesa, porém, menos do que no mercado do trigo, como veremos a seguir. Assim, o que vem elevando os preços do cereal milho em Chicago é particularmente a confirmação de uma quebra de safra na América do Sul, na mesma linha da soja. Ao mesmo tempo, os produtores dos EUA buscam vender mais soja do que milho, fato que eleva os prêmios do cereal no Golfo do México. O produtor estadunidense, na medida em que decide semear mais soja do que milho, vem apostando numa elevação nos preços do cereal nos próximos meses.

Nesse contexto, ganha importância o relatório de oferta e demanda deste próximo dia 10/03 e, particularmente, o de intenção de plantio nos EUA em 31/03.

Paralelamente, o preço da tonelada FOB de milho no Paraguai subiu, com a média semanal atingindo a US\$ 152,50, enquanto na Argentina se estabilizou em US\$ 218,00.

No mercado brasileiro, os preços continuaram subindo. A média gaúcha no balcão ainda ficou em R\$ 23,76/saco na semana, porém, os lotes atingiram de R\$ 26,00 a R\$ 27,00/saco. Nas demais praças nacionais os lotes oscilaram entre R\$ 18,50/saco em Sapezal (MT) e R\$ 27,50/saco nas regiões catarinenses de Videira, Concórdia e Chapecó. Para a safrinha futura, no Mato Grosso o valor chega a R\$ 13,00/R\$

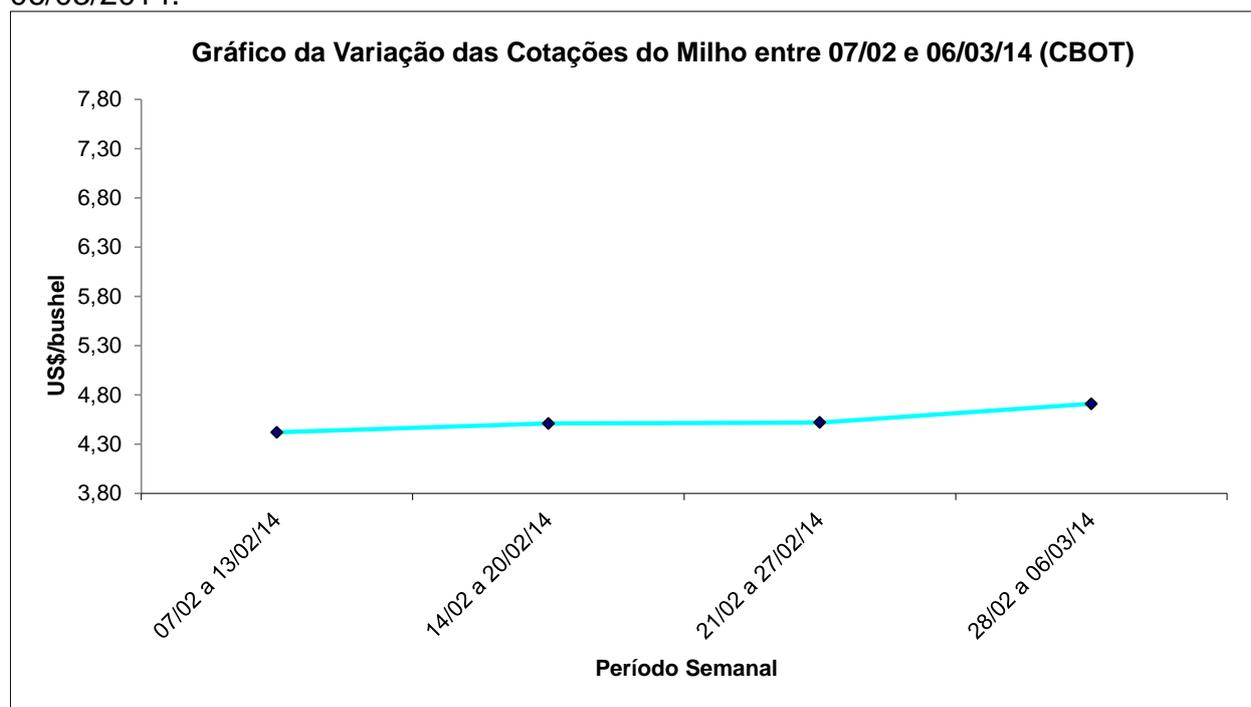
14,00/saco no Nortão do Estado, enquanto em Goiás os valores, para agosto/setembro, atingiram a R\$ 20,00/R\$ 21,00 por saco.

Vale destacar que no interior de São Paulo, onde a quebra de safra é mais acentuada, o balcão tem trabalhado com preços de até R\$ 30,00/saco no momento. A ideia de redução de preços para maio estaria ligada ao fato de que a retomada da colheita, pós-colheita da soja, levaria a uma oferta maior. Ajuda nesta linha o fato de que as chuvas retornaram nas regiões da safrinha, incrementando o plantio da mesma. Todavia, os produtores, diante da quebra de safra, vendam o milho de verão com mais lentidão, esperando ver como se definirá a safrinha. Isso poderá levar os preços do cereal, em maio, a rapidamente subirem, acompanhando o movimento já existente em março e frustrando a expectativa de uma baixa nos mesmos. (cf. Safras & Mercado)

Vale ainda destacar que a safra de milho brasileira, no seu total, está agora estimada em 70 milhões de toneladas, contra 75,2 milhões na projeção inicial e contra 82 milhões colhidas no ano anterior. A colheita da safra de verão no Rio Grande do Sul chega a 48% do total, contra a média de 40% nesta época do ano. As lavouras semeadas em dezembro apresentam quebras acentuadas, porém, as mais tardias estariam por compensar esse quadro.

A semana terminou com a importação, no CIF indústrias brasileiras, valendo R\$ 40,15/saco para o produto dos EUA e R\$ 37,74/saco para o produto da Argentina, ambos para março. Já para abril o produto argentino ficou em R\$ 39,13/saco. Na exportação, o transferido via Paranaguá registrou os seguintes valores: R\$ 28,69/saco para março; R\$ 29,27 para abril; R\$ 29,38 para maio; R\$ 29,97 para junho; R\$ 29,70 para julho; R\$ 29,92 para agosto; R\$ 30,46 para setembro e R\$ 30,69/saco para outubro. (cf. Safras & Mercado)

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do milho no período entre 07/02 a 06/03/2014.



## MERCADO DO TRIGO

As cotações do trigo em Chicago acompanharam o movimento altista da soja e do milho, particularmente puxadas pelo fator Ucrânia. Esse país é forte produtor e exportador de trigo e o conflito interno que lá se estende vem prejudicando o comércio. Assim, o fechamento da Bolsa, neste dia 06/03, ficou em US\$ 6,41/bushel, contra a média de US\$ 5,95 no mês de fevereiro.

Nos EUA, as vendas líquidas de trigo para o ano comercial 2014/15 (início em 1º de junho próximo), na semana encerrada em 20/02, ficaram em 199.800 toneladas, sendo a Venezuela o principal comprador com 86.100 toneladas. Já para o ano 2013/14 o volume registrou 424.700 toneladas.

Na Austrália, espera-se uma safra 2014/15 num volume ao redor de 24,8 milhões de toneladas, contra 27 milhões em 2013/14.

Aqui no Mercosul, o saldo exportável da Argentina, Uruguai e Paraguai, tema que interessa muito ao Brasil, está estimado em 4,65 milhões de toneladas, ficando 1,55 milhão de toneladas abaixo das necessidades totais de importação por parte de nosso país. Isso requer compras dos EUA e do Canadá. (cf. Safras & Mercado)

No Mercosul, os preços pouco variaram neste início de março, com Necochea indicando US\$ 328,00 a US\$ 330,00/tonelada. O Up River ficando entre US\$ 330,00 e US\$ 335,00/tonelada para embarque entre março e abril, enquanto Baia Blanca registrou US\$ 338,00 a US\$ 340,00/tonelada. Considerando o atual câmbio brasileiro, para chegar em nível de competitividade com o trigo argentino nos moinhos paulistas, o cereal gaúcho teria que ser negociado a R\$ 695,00/tonelada FOB interior (R\$ 41,70/saco). Já para exportação, o trigo brasileiro atinge a US\$ 270,00/tonelada, fato que obriga o produto do interior gaúcho chegar em Rio Grande ao redor de R\$ 515,00/tonelada FOB (R\$ 30,90/saco). Tal preço inviabiliza as vendas externas já que o mercado interno está oferecendo R\$ 600,00 FOB (R\$ 36,00).

Vale destacar que o balcão gaúcho fechou a semana em R\$ 31,63/saco, enquanto os lotes ficaram entre R\$ 620,00 e R\$ 630,00/tonelada (R\$ 37,20/R\$ 37,80 por saco). No Paraná os lotes alcançaram R\$ 780,00/tonelada (R\$ 46,80/saco).

O mercado continua esperando uma melhoria nos preços do cereal a partir do final de março, pela escassez de trigo de qualidade no Brasil. Nesse sentido, o Rio Grande do Sul ainda teria cerca de 600.000 toneladas para escoar.

No boletim passado reproduzimos a primeira intenção de plantio de trigo para 2014/15 no Brasil, com a mesma apontando uma elevação de 12,9% na área. Isso elevaria a produção, em clima normal, para um recorde de 7,3 milhões de toneladas. Na verdade, a falta de opções de inverno e a baixa rentabilidade média do milho (relação preços atuais x custos de produção x riscos climáticos), ocorrida nesta última safra, estariam levando muitos produtores a dar prioridade ao trigo em detrimento do milho, especialmente no Paraná. Nesse sentido, segundo o CEPEA, em algumas regiões do Paraná, enquanto a rentabilidade do trigo chega a 30% sobre os custos operacionais, o milho obteve margem negativa de 17% (para esse resultado, foram considerados os

valores médios pagos pelos insumos e também os de venda da produção referentes aos meses de novembro/13 a janeiro/14), segundo Safras & Mercado.

Assim, mesmo com a forte redução dos preços do trigo nesta última safra e a possibilidade de aumento no valor do milho para o restante do ano, não será surpresa se a área com trigo cresça mais do que a destinada ao milho. Todavia, os fatores crédito rural e dificuldades de comercialização, especialmente no Rio Grande do Sul, pesarão bastante para uma tomada de decisão neste sentido.

Abaixo segue o gráfico da variação de preços do trigo no período entre 07/02 a 06/03/2014.

